

*Sonia Nimer*

VIAGENS  
FABULOSAS  
EM TERRAS  
ESTRANGEIRAS

TRADUÇÃO

MARIA CAROLINA GONÇALVES

**Tabla**

DETALHES DE UMA MULHER ENIGMÁTICA.....	9
---	---

1 ✦ A MALDIÇÃO .....	15
----------------------	----

2 ✦ A FORASTEIRA .....	24
------------------------	----

3 ✦ A PARTIDA.....	36
--------------------	----

4 ✦ A VIAGEM.....	45
-------------------	----

5 ✦ NUR AL-HUDA.....	58
----------------------	----

6 ✦ O PROFESSOR .....	79
-----------------------	----

7 ✦ O ANJO NEGRO .....	94
------------------------	----

8 ✦ A REVELAÇÃO.....	105
----------------------	-----

9 ✦ O ISOLAMENTO.....	119
-----------------------	-----

10 ✦ A ESTRELA DA MANHÃ.....	132
------------------------------	-----

11 ✦ A BUSCA .....	152
--------------------	-----

12 ✦ MAIS UMA VEZ, O MAR.....	185
-------------------------------	-----

13 ✦ O FIM DA JORNADA.....	214
----------------------------	-----

14 ✦ O CAMINHO RUMO À VIDA.....	234
---------------------------------	-----

Para minha mãe...  
Quando penso em você,  
o Sol nasce duas vezes.

# DETALHES DE UMA MULHER ENIGMÁTICA

~~~~~

*Quando recebi o convite para participar de uma conferência no Marrocos, quase pulei de alegria, pois um dos meus maiores desejos era visitar esse país árabe tão rico em civilização e cultura. Na época, eu não podia imaginar que estava prestes a começar uma aventura que mudaria a minha vida, nem que o destino colocaria nas minhas mãos os detalhes da história de uma mulher enigmática.*

*Começemos pelo começo.*

*Depois de longos e complicados preparativos para a viagem, cheguei à linda Marraquexe, e tudo correu da melhor forma possível. A conferência foi boa e interessante; tive a oportunidade de conhecer diversos especialistas em arte islâmica, além de muitos artesãos e suas criações.*

*Quando desci do palco depois da palestra, um dos presentes se aproximou e me cumprimentou de maneira calorosa. Tinha a pele escura dos habitantes do norte da África, era baixo e muito magro. Carregava uma mala de couro volumosa, que parecia mais pesada do que ele. O homem se apresentou; disse que era o professor Ahmadi, aposentado pela Universidade de Rabat, que morava em Tânger e se dedicava a escrever sobre arte islâmica.*

*Depois dessa introdução e da troca de cortesias, o professor Ahmadi perguntou se poderia me convidar para uma xícara de café no saguão do hotel, onde estava sendo realizada a conferência. Ele disse que tinha uma coisa que gostaria de me mostrar.*

*Após tomarmos café e conversarmos sobre assuntos triviais, o professor tirou as xícaras vazias da nossa frente, afastou o cinzeiro, bebeu o*

restante do copo de água e o colocou na mesa ao lado. Ele fez tudo isso bem devagar, como se executasse algum tipo de ritual ou tentasse ganhar tempo antes de falar. Esses movimentos aumentaram a minha curiosidade, e as perguntas começaram a se acumular na minha cabeça. O professor pigarreou alto e, sem introduções, utilizando um tom puramente acadêmico, disse:

— Há cerca de seis meses, um homem veio até mim e contou que havia comprado uma casa perto do mar e que, durante a reforma, encontrou um jarro enterrado na areia embaixo da casa. Ele supôs que contivesse um tesouro e o abriu. No entanto, o que havia eram maços de folhas enroladas e amarradas cuidadosamente com fitas de seda. Ele não compreendeu a essência desses papéis, então decidi trazê-los para mim.

O professor não me olhava, por isso não percebeu o impacto que as palavras dele tinham me causado. Ele se inclinou imediatamente para pegar a mala de couro do chão e a pôs no colo. Enquanto abria a mala, com vagar, ergueu os olhos para observar a expressão no meu rosto, que foi da curiosidade ao espanto, passando por forte agitação. Ele colocou a mão dentro da mala, de onde tirou um envelope marrom e grosso, que pôs sobre a mesa. Então, depositou a mala no chão ao lado dele e repousou a mão sobre o envelope.

— Soube que a escritora destas páginas veio da Palestina, sua terra.

Fiquei muito curiosa! O assunto todo estava ficando muito instigante e não consegui impedir que minhas mãos avançassem sobre a mesa para tocar o envelope. Eu me perguntava: o que tem nessas páginas? Quem é essa que escreveu? Como as folhas chegaram até Tânger, a tantos quilômetros da Palestina? Que segredos estão ocultos nesses rolos?

O professor empurrou o envelope na minha direção.

— Hesitei muito antes de decidir entregar isto a você; não é todo dia que pesquisadores como nós encontram uma coisa rara como esta. Quero dizer, como este manuscrito. No entanto, como pode ver, já estou muito velho. Tive medo que alguma coisa acontecesse comigo e estas folhas se perdessem ou não encontrassem alguém que se interessasse de verdade por elas.

*Em seguida, ele levou a mão até o bolso da camisa, tirou um cartão de visitas e me entregou.*

*— Por favor, me escreva. Espero ansiosamente sua opinião.*

*O professor passou a mão outra vez no envelope, apalpando-o, como se dissesse adeus. Então, olhou para o relógio e se pôs em pé.*

*— Já está quase na hora da minha palestra. Cuide bem dos papéis. Desejo sucesso a você.*

*Ele pegou a mala vazia e andou depressa em direção ao auditório, como se estivesse com medo de voltar atrás e recuperar as folhas. Quanto a mim, fiquei sentada, surpresa, olhando para o envelope e passando a mão nele sem encontrar a coragem necessária para abri-lo.*

*Pedi mais uma xícara de café e, pouco a pouco, fui abrindo o envelope, tocando o papel como quem teme que as folhas saltem das mãos. Acariciei os papéis lisos, depois os tirei do envelope: maços de folhas amareladas e retangulares organizadas com cuidado e agrupadas em rolinhos, cada um deles amarrado com uma fita rosa. Abri o primeiro e, nas folhas, encontrei uma caligrafia elegante de letra pequena, muito bonita e simétrica. No fim da página, havia uma assinatura delicada: Ajiba.*

*Comecei a ler. Meu coração percorria aquelas linhas antes mesmo dos meus olhos.*

# EUROPA

Gênova

ANDALUZIA

Tânger

MARROCOS

ARGÉLIA

DESERTO DO SAARA

Cairo

EGITO

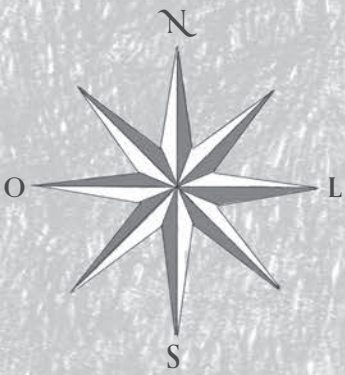
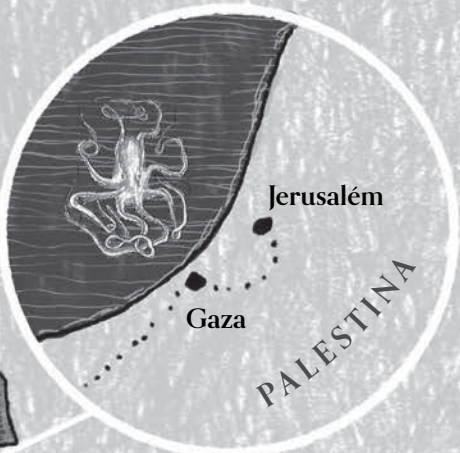
SUDÃO

ÁFRICA

MAR MEDITERRÂNEO

MAR VERMELHO





Jerusalém

Gaza

PALESTINA

PÉRSIA

ÁSIA

● Bagdá

IRAQUE

HIJAZ

● Meca

IÊMEN

● Aden

ÍNDIA

● Madras

MALDIVAS

CEILÃO

ABISSÍNIA

MAR ARÁBICO





# 1

## A MALDIÇÃO



**E ACONTECEU QUE A MINHA** mãe começou a sentir as dores do parto quando estava montada no burro que a carregava da cidade até o nosso vilarejo. Meu pai parou a caravana e armou uma pequena tenda ao pé da montanha.

Foi um parto difícil e, se não fosse o conhecimento da criada — com as orientações que minha mãe dava a ela, mesmo naquela situação —, seríamos órfãos desde o nascimento. Naquela tenda, sob o pé da montanha, ela deu à luz gêmeas, e permaneceu lá por sete dias e sete noites até poder continuar a parte mais difícil da viagem, nada mais nada menos que subir a montanha.

Era um verão muito quente, e uma viagem como essa, naquela época do ano, era quase suicídio. Por outro lado, era o único período em que o largo vale que circundava a montanha secava e as pessoas podiam atravessar e depois subir até o vilarejo. Meu pai tinha deixado esse lugar sem nome quase quatro anos antes, pensando que nunca mais voltaria, mas o destino quis que fosse diferente.

O vilarejo era muito pequeno e ficava sobre uma montanha bem alta e de difícil acesso. Seus habitantes viviam da agricultura e da criação de ovelhas. Os homens desciam para a cidade uma vez por ano e marchavam a pé ou montados em burros durante dois dias até a cidade, onde vendiam sua produção de queijo, frutas, azeitonas e couro; e compravam as roupas e os utensílios de que precisavam e, às vezes, livros. Na cidade, os habitantes do

vilarejo ficavam sabendo das notícias do ano anterior, do nome do governante local e de outras histórias.

A “vila”, como os seus habitantes a chamavam, era tão isolada que ninguém sabia da sua existência, a não ser alguns mercadores da cidade com quem os moradores de lá negociavam. Ninguém visitava o vilarejo e, como apenas os homens iam para a cidade, nenhuma mulher sabia como ela era, nem mesmo o caminho até lá. Os homens desciam no verão, quando o vale secava; quanto ao restante do ano, o vilarejo ficava naturalmente isolado do mundo por esse imenso vale cheio de água.

Os habitantes do vilarejo eram parentes, pois todos vieram originalmente de uma mesma família. Diz a história que o xeique Saad, o primeiro ancião do vilarejo, fugiu do sul da Palestina há centenas de anos, temendo vingança depois de matar um homem de outra família. E que ele vagou com a sua família por muito tempo, até sonhar com uma árvore enorme de folhas sempre verdes que fazia sombra numa área grande da montanha. Então, nosso ancestral foi para o norte, onde encontrou a árvore. Lá, ele construiu uma casa, e o povoado foi fundado sobre essa montanha.

Nosso vilarejo tinha as suas próprias crenças e leis, consolidadas ao longo dos anos, promulgadas e decretadas pelo conselho dos anciãos. Os habitantes dali acreditavam, por exemplo, que, se alguém se mudasse de lá, isso amaldiçoaria o lugar, que ficaria exposto às desgraças e à ruína. Também acreditavam que, se um estranho fosse morar lá, isso faria com que as desgraças se espalhassem pelo povoado, que poderia ficar amaldiçoado para sempre. Por isso, era proibido aos homens o casamento com pessoas de fora do vilarejo. Já às mulheres, era proibido que saíssem do vilarejo, assim não se casariam com alguém de fora. Somente os meninos tinham a permissão de ir à escola; as meninas eram proibidas de estudar e até de se aproximar da escola, por medo de que a presença delas tornasse o lugar impuro.

O vilarejo viveu dessa forma durante muitos anos, e as leis se consolidaram com o passar do tempo e ficaram mais complicadas, a ponto de ninguém ousar nem mesmo pensar em permanecer na cidade mais do que duas semanas, que era o tempo permitido. E sem dúvidas, ninguém ousava se casar fora do vilarejo, e as mulheres não pensavam em estudar, nem as garotas pensavam em brincar, assim como ninguém erguia os olhos diante dos anciãos do povoado, com as suas barbas compridas, governantes absolutos daquele lugar esquecido. Quando algum daqueles anciãos passava pelo caminho, os homens paravam o trabalho e se inclinavam, olhando para o chão, até que ele desaparecesse completamente de vista. Quanto às mulheres, que trabalhavam no campo ou ficavam em casa, não era permitido nem mesmo a honra de ver os pés dos anciãos; mas elas não se importavam com isso, ficavam até felizes, porque o único motivo que as colocaria diante dos anciãos era o comparecimento ao tribunal por reclamação do marido de alguma delas, e a sentença dos anciãos nesses casos era muito dura: ou mandavam bater na mulher na praça do vilarejo, ou prendê-la na casa das esposas desobedientes, de um a três meses, de acordo com o tipo e a gravidade da acusação. A casa das esposas desobedientes era um quartinho num ponto extremo do vilarejo, sem janelas nem luz, onde a mulher vivia de pão seco e água até terminar o período de punição, depois de prometer que não levantaria a cabeça diante do marido e não ousaria nem mesmo lhe dirigir a palavra se ele não falasse primeiro.

E apesar de todas as leis rígidas e o cuidado extremo, a maldição caiu sobre o vilarejo, pois Suleiman Arradi fugiu um dia e não voltou. Os homens diziam que ele tinha se apaixonado por uma moça da cidade, que garantiam ser uma *djin*, uma criatura sobrenatural, que tinha feito o rapaz perder a cabeça e cometer esse crime. A maldição se espalhou desde a partida dele e os anciãos do vilarejo não podiam fazer nada.

Era uma maldição catastrófica, pois, em quase cinco décadas, as mulheres do vilarejo só davam à luz meninos; mesmo as ovelhas só pariam machos. Então, o medo começou a dominar os homens, porque a mulher mais jovem no vilarejo tinha cinquenta anos, e o número de mulheres diminuía. Os homens ficavam cabisbaixos quando descobriam que as esposas tinham dado à luz um menino, e os anciãos proibiram as comemorações tradicionais para recém-nascidos do sexo masculino. As mulheres, com o desejo de ter meninas, passaram a vestir os filhos com as suas próprias roupas e a deixar os cabelos deles crescerem.

Mesmo com todas as tentativas, o herborista do vilarejo, um especialista em ervas medicinais, não teve êxito em encontrar a solução. Nem as orações especiais, nem os sacrifícios e os bezeros imolados acabaram com a maldição, que continuou a pairar sobre o vilarejo. Ainda assim, mesmo com essa catástrofe, o conselho dos anciãos recusava a permissão para os homens se casarem com mulheres de fora do vilarejo. Pensavam que, se capturassem o fugitivo Suleiman e o sacrificassem, estariam livres da maldição. Porém, o que ninguém sabia era que Suleiman Arradi tinha morrido de uma doença desconhecida alguns meses depois de chegar à cidade, e a família continuou a procurar por ele.

Said, meu pai, era a criança mais nova no vilarejo, e era costume dos homens levar para a cidade, todos os anos, os meninos que completassem treze anos. Foi assim que, naquele ano, meu pai desceu para a cidade com o tio paterno, o pai dele e o restante dos homens do vilarejo. Desde o momento em que viu a cidade, não parou mais de pensar nela. A primeira coisa que o impressionou foi a grandiosidade. Depois, as cores o deslumbraram, porque predominavam no vilarejo o marrom e o preto, e os derivados dessas cores — se é que havia algum. Os primeiros anciãos proibiram o uso de cores vivas, pois indicariam um adorno falso, e impuseram essas duas cores por serem um sinal de humildade

e devoção. Na cidade, dançavam diante dele, com todos os seus reflexos ao Sol, o vermelho, o verde, o rosa, o amarelo, o azul, o dourado. Sem falar no mercado. Em toda a sua vida, Said nunca tinha visto essa quantidade de pessoas, lojas, roupas, mercadorias, cheiros e livros.

Ele viu na cidade lojas especializadas somente em livros e ficou impressionado com a quantidade de volumes num só lugar. Até a biblioteca da escola do vilarejo parecia uma simples pilha de livros diante daqueles títulos acumulados nas prateleiras, no chão, nas caixas, aos montes... montanhas de livros!

Quando chegaram à hospedaria, Said implorou ao pai que o deixasse comprar alguns exemplares, mas ele explicou que não era permitido comprar livros, a não ser que a pessoa tivesse sido encarregada disso pelo conselho dos anciãos. Apenas eles determinavam quais títulos poderiam ser comprados; era proibida a entrada de qualquer obra que não tivesse sido autorizada previamente pelo conselho dos anciãos, e quem a carregasse corria o risco de sofrer um castigo severo. Said ficou parado na frente da livraria, impressionado, de boca aberta de tão espantado. Queria poder ficar cem anos ali até conseguir ler todas aquelas obras magníficas. Infiltrou-se na livraria e observou o lugar. Então, encontrou um livro de capa vermelha de couro, com ilustrações e a imagem de um pássaro colorido na capa, onde estava escrito com letras bonitas: *Viagens fabulosas em terras estrangeiras*. Ele abriu o livro e folheou; em todas as páginas, encontrava imagens coloridas, mapas, nomes de cidades e países dos quais nunca tinha ouvido falar, e os animais e pássaros mais maravilhosos que se poderia imaginar.

Meu pai ficou muito tempo parado contemplando as imagens do livro e a beleza da caligrafia e não percebeu que o dono da livraria o observava. A voz do homem perguntando se ele gostaria de comprar o livro o despertou. Ele se desculpou e colocou o vo-

lume de volta no lugar sem tirar os olhos dele. Quando o dono tentou instigá-lo a comprar o livro, Said explicou que era proibida a entrada de obras como aquela no vilarejo dele. Então o dono entendeu que ele tinha vindo “daquele vilarejo” e o convidou para visitá-lo todos os dias enquanto estivesse na cidade para ler tudo o que pudesse antes de partir.

No dia seguinte, os homens se separaram. Alguns foram trocar mercadorias; outros, procurar um médico, um feiticeiro ou um mago para ajudá-los a acabar com a maldição do vilarejo; e o restante se dispersou por todos os lugares para procurar por Suleiman. À noite, todos deveriam se reunir na hospedaria.

Foi assim que Said conseguiu a oportunidade de ouro. Ele se apressou até a livraria e parou à porta, confuso, porque encontrou a loja aberta, mas nenhum sinal do dono. Então, ouviu uma voz delicada perguntando se ele procurava alguma coisa ou um livro específico. Said voltou-se na direção da voz e encontrou uma garota da idade dele; bonita e delicada, parecia um sonho. Ela disse que o dono da livraria era seu pai e que ele tinha ido à mesquita. Contou também que estava cuidando da livraria até seu pai voltar.

Said não ouviu nada do que a garota falou, estava na frente dela, aturdido, suando, porque nunca tinha visto em toda a sua vida uma garota como aquela. Não, na verdade, ele nunca tinha visto garota nenhuma, pois a mãe dele era a mulher mais jovem do vilarejo. Além disso, as mulheres que conhecia cobriam todo o corpo com uma túnica preta, cobriam inclusive a cabeça, e aquela garota estava com o rosto e a cabeça descobertos. Ela disse que se chamava Jawáhir e que amava os livros; e foi aí que Said ficou espantado com o maior dos espantos, porque ler não era permitido às meninas! Said perguntou, gaguejando, se ela já tinha lido todos aqueles livros. Ela riu e falou que estava tentando. Depois, apontou para o volume de capa vermelha e disse que era o livro favorito dela, que gostava dele porque a transportava para mundos

distantes, cidades novas e pessoas de costumes muito diferentes, pessoas de todos os tipos e cores.

Ele se sentou no chão e ouviu Jawáhir contar sobre o livro e sobre o desejo dela de viajar um dia para todos aqueles mundos e lugares. A gagueira de Said começou a diminuir e ele a encheu de perguntas sobre a cidade e a vida por lá; se era verdade que existiam lugares públicos para tomar banho, se o príncipe que a governava era casado com dez mulheres, e outras mil e uma perguntas. Jawáhir quis saber do vilarejo e das pessoas de lá, seus costumes e suas leis.

As duas semanas passaram num piscar de olhos. No último dia, Said foi se despedir do dono da livraria e da filha dele. Depois de alguns passos, afastando-se dos dois com o coração partido, Jawáhir o chamou e estendeu para ele o livro *Viagens fabulosas em terras estrangeiras*, dizendo que era um presente. Ele não podia recusar, então escondeu o volume nas dobras da roupa e caminhou para longe da cidade. Said sabia que não esqueceria essa visita, que ela ficaria impressa na sua mente e no seu coração. Ele se afastou rapidamente, sentindo o livro, aquele mesmo livro que o uniria outra vez à minha mãe, o único livro que carreguei comigo quando parti para sempre daquele vilarejo.

Os homens retornaram da cidade carregados de mercadorias, utensílios e roupas. E carregados de frustração, porque tinham fracassado em descobrir alguma coisa sobre Suleiman e como romper a maldição do vilarejo. Quanto a Said, retornou carregando nas dobras da roupa um livro mágico, deixando a mente e o coração na cidade. Desde aquele instante, a obsessão de voltar para lá, e de voltar para Jawáhir, que conquistou seu coração e encheu todo o seu ser de amor, se apoderou dele.

Meu pai estava decidido a sair do vilarejo e ir para a cidade, mas não sabia que a partida dele seria o início de uma viagem de infortúnios e desafios. Tampouco sabia que essa viagem terminaria



no mesmo vilarejo onde tinha começado. Naquela época, ele tinha chegado aos vinte anos e acompanharia os homens até a cidade. Nas dobras da roupa, carregava um livro vermelho; na mente, um plano secreto. Caminhou até a cidade com o coração à frente e parou diante da livraria, encabulado; Jawáhir apareceu e o coração de Said parou de bater. Ela tinha crescido e se tornado uma mulher linda! Ele ficou parado na frente dela gaguejando, o suor escorrendo pelo rosto como na primeira vez. Jawáhir o convidou para se sentar e os dois continuaram a conversa como se não tivessem passado sete anos desde a última vez em que Said tinha estado lá. Ele tirou o livro de dentro da roupa e o entregou, mas ela recusou, porque tinha sido um presente.

Said explicou o plano dele para o pai dela e sua intenção de permanecer na cidade. O dono da livraria lhe deu as boas-vindas e sugeriu que trabalhasse com ele. E foi assim que Said sumiu de vista. Os homens do vilarejo o procuraram em todo lugar, mas não o encontraram. Atrasaram o retorno em dois dias, contrariando o costume, para procurar por ele, mas foi inútil. Pensaram que talvez tivesse acontecido alguma desgraça com Said. Alguns, supondo o pior, acreditaram que ele tivesse fugido como Suleiman, mas não ousaram pronunciar essas dúvidas em voz alta, pois Said era neto de um ancião do vilarejo e seria inimaginável que ele pensasse em fugir.

Os homens retornaram sem Said, frustrados e com medo da ira do ancião. Quanto ao meu pai, ele começou a trabalhar na livraria, um trabalho que amava muito. Nas horas em que o movimento no mercado diminuía, ele se sentava num canto e ficava lendo, ou discutia algum assunto ou livro com Jawáhir e o pai dela. Ambos eram, na opinião dele, prodígios com seu vasto conhecimento, sua mente aberta e sua sabedoria.

Pouco tempo depois, Said se casou com Jawáhir e os dois tiveram uma vida feliz e confortável por um tempo. Quando o pai

dela morreu, o casal continuou administrando a livraria. Quanto aos moradores do vilarejo, viveram três anos de pânico, com medo de outra catástrofe ou de uma maldição ainda pior. Ficaram aflitos com o desaparecimento de Said e continuaram a procurar por ele toda vez que desciam para a cidade.

Minha mãe estava nos últimos meses de gestação quando meu pai encontrou por acaso um amigo e companheiro de infância, Omar. Meu pai sempre sumia de vista nas duas semanas que os homens do vilarejo passavam na cidade, mas, naquela vez, minha mãe estava com uma cólica forte, o que o obrigou a ir até o boticário buscar algumas ervas e remédios. Lá, ele encontrou Omar comprando medicamentos. Said o conduziu pela mão até a livraria, onde desapareceu atrás da cortina. E não o deixou ir embora antes de ele prometer que não diria uma única palavra aos moradores do vilarejo.

Meu pai soube pelo amigo que meu avô tinha morrido no ano anterior, que a maldição permanecia no vilarejo e que os moradores de lá ainda amaldiçoavam Suleiman. Quanto a Said, decidiram pelo silêncio absoluto a seu respeito, e os habitantes da vila foram proibidos de pronunciar o nome dele ou de discutir o que tinha acontecido, como se Said nunca tivesse existido.

Essa atitude magoou muito meu pai, mas ele perdoou a todos. Ele soube que a mãe dele estava muito doente, que falava o nome dele dia e noite, apesar da proibição, e que queria vê-lo, ainda que por um único instante, antes de morrer. Quando meu pai decidiu voltar, vendeu o que pôde e carregou o restante dos móveis e a maioria dos livros da livraria numa caravana de burros até o vilarejo.